



OS MOVIMENTOS DA (IN)JUSTIÇA EM DERIVAS IMAGÉTICAS

Liliane Souza dos Anjos¹

*Só há estrutura daquilo que é linguagem,
nem que seja uma linguagem esotérica
ou mesmo não-verbal
(Deleuze)*

A reflexão sobre a cadeia significativa em funcionamento na imagem requer uma compreensão a respeito da variação e identidade de seus elementos. Isso nos faz pensar sobre os procedimentos analíticos capazes de relacionar tais elementos entre si – em sua estrutura e afetados pela história – levando à compreensão dos movimentos de sentidos na imagem. Imagens como as relacionadas à rebelião no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj) em Manaus no início de 2017. Imagens que chocaram o público, materializadas nos televisores e nos principais sites de notícias por todo o país e no mundo.

Na quantificação de mortos (cinquenta e seis) e fugitivos (duzentos), tem-se o acontecimento cujos critérios de noticiabilidade² foram minimamente atendidos. Nenhum detalhe transparece perdido. As reações dos familiares dos presos, de órgãos de Direitos Humanos, do Presidente da República, do Ministro da Justiça, a dos próprios presidiários, todas juntas remetem a um aparente bloco de conteúdo (fotografias, infográficos, retrospectiva do sistema carcerário no país) que satura o público como se tudo já estivesse sendo dito/noticiado, incapaz, todavia, de afastar os equívocos no espaço da cobertura jornalística.

Nem a profusão de imagens ligadas à rebelião foi capaz de mitigar *aquilo que escapa* no aglomerado de informações. Por isso mesmo, entre as imagens que compõem as notícias em torno do tema, duas são tomadas a partir de sua exposição ao equívoco: uma que considero *cena prototípica*, pela noção de Lagazzi (2014, 2015), por tratar-se de uma cena domesticadora da interpretação, presidiários encarcerados em celas superlotadas, exemplar que concentra o já-visto; e outra que se traduz em um recorte significativo de uma filmagem feita pelos presidiários comemorando os resultados da rebelião.

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Endereço: Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571. Campinas - SP – Brasil. CEP 13083-859. E-mail: lilianesouzaanjos@gmail.com.

² Os critérios de *noticiabilidade* seriam esse “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias” (WOLF, 1987, p. 173).



Figura 1: Presídio de Águas Lindas, em Goiás, em 2009.



Fonte: Antonio Cruz/ABr

Figura 2: Mortos na chacina do presídio de Manaus.



Fonte: Reprodução/Youtube

Pelo dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso materialista, posso perguntar pelos os efeitos de sentidos em composições visuais (e a partir delas) reagrupadas por paráfrase e relacionadas pela contradição. Assim, tenho como objetivo, na tensão entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, compreender as relações significativas entre elementos de ambos os materiais, pensando em possíveis pontos de deriva nas imagens que são potentes em seu deslocamento na cadeia significante. Concentro-me, para isso, nas relações significativas entre elementos de ambas as formulações e, a partir do procedimento de *deslinearização da imagem* (LAGAZZI, 2014, 2015), inclino-me primeiramente à imagem dos presidiários encarcerados que se apresentam como uma coletividade, um aglomerado indistinto. Logo, remetendo-a à memória do sistema carcerário brasileiro, a imagem orienta a interpretação à precariedade do regime penitenciário que confina uma grande quantidade de pessoas em uma pequena cela, expostas a condições insalubres.

Quando transformados em objeto de matérias jornalísticas, tais homens são, na maioria das vezes, colocados como pessoas indistintas, massa sem nomes, mormente membros de uma facção. Na imagem, apenas uma parte deles pode ser vista entre as grades: seus olhos e suas mãos. Trata-se de corpos imobilizados e recortados pelo enquadramento da janela da cela. Pela primeira formulação visual, eles, os presidiários, podem ser vistos contidos, domesticados, tal como se coloca



a interpretação pela noção convocada aqui, a de cena prototípica. A imagem, então, como uma espécie de molde ou padrão faz parecer familiar o que está em presença ali, e os sentidos, assim, aparentam estáveis.

A segunda cena, por sua vez, tem uma peculiaridade em sua própria condição de produção: refere-se a uma filmagem em que aquele que segura a câmera é o mesmo que comemora sobre a pilha de corpos mutilados. É que a segunda formulação visual parte de uma filmagem feita pelos próprios presidiários que festejam “a vitória” da chacina na morte dos membros da facção rival³. A imagem apresenta não mais a imobilidade de um aglomerado indistinto, mas corpos andantes, ao lado de cadáveres. Corpos em festa ao lado de corpos mortos. Há inteireza na presentificação desses corpos que passam de apenas objeto da notícia para, além de objeto, autor dela. De noticiados para “noticiadores”. Em ambas as formulações, porém, os elementos parecem ser os mesmos: o presídio, os presidiários, os demais membros de cela (ou facção?). Há, contudo, uma notável diferença na disposição deles, distinção que me faz, de imediato, perguntar pelo que está em jogo nessa relação. Como posso encarar a mudança nas relações que se estabelecem nas duas imagens? O que ocorre com a rede de sentidos exposta nessas formulações?

De meu lugar teórico, posso perceber de que maneira, em situações-limite como as que se colocam materializadas nas imagens, nas quais a vida encontra-se ameaçada, as relações sociais são postas em xeque e os sujeitos são capazes de gestos em alternativa à estabilidade inequívoca no/do social, mexendo com os sentidos e com o que é sentido pelo(s) sujeito(s). Tanto a animalização do humano, percebido pelas mais diferentes reações de internautas, quanto o discurso que trabalha para humanizar o sujeito presidiário – quando os órgãos em prol dos direitos humanos são compelidos a manifestarem-se publicamente diante de tais acontecimentos– trabalham paradoxalmente para o apagamento da contradição própria à nossa formação social.

Percebo, com isso, que no deslizamento dos sentidos da primeira para a segunda cena, os sentidos de “justiça” e de “liberdade” são igualmente desarranjados. Justiça sendo feita para a facção daquele que filma, pressupondo a liberdade de cometer os homicídios dentro da cadeia, justiça sendo feita pelo julgamento de alguns que assistem e festejam aquela notícia; injustiça para alguns parentes das vítimas, injustiça para os da facção rival. Destruturas-reestruturas diversas que apontam para “a possibilidade em aberto, realizada ou realizável, no simples fato de um discurso ter existência.” (ZOPPI-FONTANA, 2009, p. 135). Palavras, gestos e reações que não significam por si mesmos.

As diferentes alterações na repetição do discurso fazem evocar a noção pecheutiana de efeito metafórico, legado da AAD-69. Ela traz consequências importantes para o entendimento da relação entre os elementos da cadeia significante, posto que diga respeito “ao fenômeno semântico

³ Os efeitos de comemoração são possíveis na composição fílmica quando, ao mesmo tempo em que se tem a imagem dos corpos mutilados, há a presença da voz dos presidiários, em estado de euforia, comemorando a morte de seus inimigos. Sob a lógica da guerra entre facções criminosas, o interdito da morte é transgredido (BATAILLE, 1987) e não mais o luto acompanha a morte, mas a festa. O cadáver, signo da violência, ao invés de motivo de horror, torna-se troféu, referência direta a uma violência “orientada” pela liderança da facção.



produzido por uma substituição contextual” (PÊCHEUX, 2014, p. 96), referindo-se a um deslizamento de sentido entre um termo x e y que é constitutivo do “sentido” designado por cada um deles.

Orlandi (2012) desenvolve essa noção apontando para a possibilidade de ocorrência de uma “mexida na repetição”, trazendo como um de seus exemplos o slogan do governo Lula “Brasil, um país de todos”, em que todos deriva para tolos em uma charge cujo enunciado era “Brasil, um país de tolos”. Assim, ela explica que “ao produzir um deslizamento [...], provooco efeito sobre o sentido que estou produzindo e sobre aquele de que ele desliza. Se a →b, então, em retorno, o deslizamento para b provoca um efeito também sobre a”. (ORLANDI, 2012, p. 13)

Penso, a partir dessa noção, nas regularidades das referidas formulações visuais e percebo o jogo entre aqueles que, num primeiro gesto de análise, imputo serem os mesmos elementos: o ambiente do presídio, os detentos, a coletividade carcerária. Responsável por dar “movimento” à superfície linguística, o efeito metafórico faz perceber esse deslocamento entre tais elementos apontando para o processo de produção do discurso que aqui contribui para responder as questões que fiz anteriormente em torno das relações nas imagens. Deslizamentos de sentidos que, nos (des)limites das materialidades em questão, tem consequências radicais, produzindo derivas. Ao articular os pontos de derivas possíveis nas imagens, posso observar o trabalho da contradição no social e do político na divisão dos sentidos e dos sujeitos. Divisão que é condição de existência da ideologia, não idêntica a si mesma, sendo ela esse espaço de reprodução/ transformação e de conflitos que, em seus processos de significação, não afeta a todos da mesma maneira.

Seja a deriva uma variação lexical entre sequências de estruturas sintáticas fixas, ou espécie de sinônimo de um efeito metafórico, é possível pensar em uma transposição de tal noção para a análise da materialidade imagética. Entre os deslocamentos possíveis, há variação de elementos da imagem entre formulações de estruturas fixas. Há o que se mantém (presidiário-prisão) e o que varia (presidiário imóvel → presidiário ativo). Percebo um movimento não alheio à especificidade da materialidade significante, o que me faz considerar a deriva em questão uma deriva imagética. Transferência, deslizamento de sentidos notados a partir de um reagrupamento parafrástico demandado pela própria formulação visual em relação à história.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- LAGAZZI, Suzy. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. In: LAGAZZI, Suzy; ROMUALDO, Edson; TASSO, Ismara. *Estudos do texto e do discurso: o discurso em contrapontos – Foucault, Maingueneau, Pêcheux*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 311-332.
- LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: Giovanna Flores; Nádia Neckel; Solange Gallo. (Org.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. 1 ed. Campinas: Pontes, 2015, v. 1. p. 177-189.
- LAGAZZI, Suzy. Quando os espaços se fecham para o equívoco. *Rua*, Campinas, Edição Especial, p. 155-166. 2014.



ORLANDI, Eni P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do sujeito. In: CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Miriam; SILVA, Telma Domingues (Org). *Sujeito, Sociedade, Sentidos*. Campinas: Editora RG, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2 ed. Rev e Amp. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 177- 192. Tradução de: Remontons de Foucault à Spinoza, 1977.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1987.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. O acontecimento do discurso na contingência da história. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange. (Orgs.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 133-146.